

História

História de José Bernardo

História completa

IDENTIFICAÇÃO

Meu nome é José Bernardo, nasci em Cachoeiro de Itapemirim, em dois de setembro de 1932.

MIGRAÇÃO

De Cachoeiro de Itapemirim para Vitória

Cachoeiro era uma cidade muito boa, que já tinha já bastante indústria. Então até a idade de 14 anos eu morei em Cachoeiro. Depois nós viemos para um lugar chamado Vargem Alta. É de onde vem essas pedras, mármore, para aqui. Aí de lá nós fomos para Alfredo Chaves. Aí aos 18 anos eu fui servir o Exército. Aí dei baixa, minha família veio aqui para Vitória. Minha mãe, meu pai veio aqui para Vitória.

PRIMEIRO TRABALHO

Pedreiro aos 14 anos

Em Alfredo Chaves eu trabalhei no Estado. Estava com 14 anos. Dos 14 anos até os 18 eu trabalhei no estado. Trabalhava de pedreiro.

TRABALHO

Ford

Aí eu fui trabalhar na Ford. Trabalhei na Ford uns três anos. Eu fiquei doente lá, com uma cólica de fígado. Eu trabalhava com o Américo Vivácqua. Aí eu me aborreci com ele, porque pelo tempo que eu trabalhava com eles, ele me cortou três dias. Eu falei: "Não trabalho mais com ele mais." Fiquei em casa.

Semove Terra

Apareceu serviço nessa Semove Terra. Entrei nessa Semove Terra para dar um duro! Mexer com dormente, trilho. Esse tempo a Companhia só tinha uma linha só. Era, estava, estava esses trilho 35. Então era essas máquina a fogo. Então era danado para descarrilar. Aí pegava fogo nos dormentes. A gente tinha que arrancar aqueles dormente todinho e trocar até o jacaré, que é onde faz transferência de uma linha para outra. Trabalhei na soca uns três anos.

Desportiva

Fui trabalhar na Desportiva, de pedreiro. Aí trabalhei na Desportiva, depois eu fui emprestado para a Santana, que era uma oficina de equipamentos de máquina de linha. Fazia reparo. Aí eu fui assentar uns torno. Tinha chegado uns torno novo, fui assentar os tornos lá em Santana. Aí terminei de assentar os torno, o chefe acho que gostou de mim, não deixou eu voltar mais aqui para Porto Velho. Fiquei lá em Santana. Aí quando foi, trabalhei 18 anos nessa empreiteira.

ENTRADA CVRD

Carpinteiro

Em 75 eu passei para a Vale, me jogaram para mim trabalhar na carpintaria. Aí fui ser carpinteiro, lá nós fazia cadeira, mesa, móvel.

PROCEDIMENTOS DE TRABALHO

Pontes sob medida

Fazia serviço de ponte. Que era um serviço pesado, serviço de ponte. Serviço de ponte a gente fazia a escala, então a gente ia preparar os dormente. Mas tudo sob medida. Não podia ser nem um milímetro a mais, nem a menos. Porque chegava na hora de botar os trilho, aí ficava mancando. Então tinha que ser um negócio muito certo, mas era um serviço pesado. A gente tinha que preparar aqueles dormente todinho, igualmente a ponte de Valadares, Baixo Guandu, Aimorés. Tudo era feito pela nossa mão. E dava muito trabalho. Dava muito trabalho mesmo. Porque a ponte de Aimorés tem 1402 dormentes, aquela ponte ali. E era um serviço perigoso porque se você caísse lá dentro do rio como é que você fazia? Não tinha como a gente nem se mexer.

A gente tinha que trabalhar muito. E era tudo corrido, tudo na mão. Não existia máquina para socar linha. Era tudo a braço. Então o feitor abaixava na linha para poder nivelar. A gente tinha que pegar aqueles macaco de 45 quilos, ia suspendendo a linha até chegar na altura. Quando ele chegava na altura: "Está bom aí." Aí você tinha que jogar brita debaixo, socar que é para ela não arriar. E dava muito, muito descarrilamento de máquina, dessas máquinas a fogo.

COTIDIANO DE TRABALHO

Sem hora para acabar

E quando começava a chover, você sabia a hora que ia entrar no serviço. Mas a hora de chegar em casa você não sabia, porque enquanto não desse passagem, a chefia não dava autorização para você ir para casa. Então você tinha que permanecer ali até acabar. Tinha vez que nós pegava no serviço, por exemplo, hoje seis horas da manhã, trabalhava o dia todinho debaixo de chuva, a noite todinha; quando chegasse outra turma, no outro dia, é que a gente ia para o barraco. Não ia para casa não. Ia para o barraco. Ia dormir, descansar para no outro dia pegar seis horas da manhã novamente.

Tinha mês que a gente fazia 248 horas, ou mais. Então você não conhecia domingo, feriado, você não conhecia isso. Semana Santa, por exemplo, nós estávamos trabalhando na ponte de Aimorés. Nós trabalhamos quarta, quinta sexta, sábado e domingo. Então quando chegava na parte da noite, eles clareavam a ponte e nós tinha que trabalhar ali até 8, 9, 10 horas da noite. E a vida era assim.

Acampamentos

Você era escalado, você morava aqui em Vitória, igualmente eu moro. Então você era escalado para trabalhar, por exemplo, em Aimorés. Então você chegava lá, tinha um acampamento, porque ali não tem nada. Às vezes você olhava assim, estava vendo aquela aranha caranguejeira andando assim, ó, no telhado da casa. Porque ali não tinha lugar de você ficar mesmo não. Era aquilo ali mesmo. Aí você passava a noite ali. Às vezes quando chegava de manhã cedo, sempre do serviço, às vezes você levava um anzolzinho, e pescava. Dava muito peixe. Aí você ia lá para a beira do rio e ia pescar. Até mais ou menos 7 horas.

RELAÇÃO CVRD/COMUNIDADE

Museu Ferroviário

Agora que aqui é Museu, nunca tinha vindo aqui. Mas estive aqui quando era a estação velha aqui. O trem saía daqui. Trabalhei muito tempo aqui nessa linha, aqui não tinha nada. A maré vinha até aqui, encostada aqui, ó. Só tinha essa linha aqui do trem sair para lá. Depois é que fizeram aquela linha para ir lá para o Péla Macaco. Um navio para sair daqui com minério, era 30 dias para carregar o navio. Mas, se chovesse, dava quase 60 dias. Que a máquina, quando chegava a trazer muito vagão, era 10 vagão de minério. Não era mais.

A maquete que tem aqui ficou muito boa, muito bonita mesmo. Igual como é na linha aí para cima agora. Bem parecido esses túneis, essas pontes de Aimorés, e Valadares e tem Caboclo Bernardo. Tem a de Fundão. E tem o viaduto lá de Funil. É idêntico mesmo. Igualzinho. Legal. Para a gente que andou muito no trecho, a gente olhando aquilo ali é a mesma coisa. Tem o túnel aqui de Monte Seco, é igualzinho. O de Fundão é igual, o de Colatina é igual. Foi bem feito mesmo. Fui até Itabira. Itabira, Funil, Santa Bárbara, Barro Branco, Caeté. Isso tudo eu andei. Nessa linha que eu trabalhei. Todos esses cantos aí. Esses ramal por aí afóra, tudo. Conheço tudo.

RELAÇÃO DE TRABALHO

Amizade

A melhor lembrança que eu tenho é quando eu estava na ativa. Que tinha muito amigo. Todo mundo era amigo. Porque no nosso tempo era igual uma irmandade. Não sei hoje. Inda foi sexta-feira eu telefonei para um colega meu, fazia muitos anos que eu não via ele. Albertino. Ele até é maquinista. E eu estava doido para ver se encontrava ele ou se via ele. Mas ele mora em Nova Era. Aí fui ali na composição, pedi o rapaz para ver para mim. Eu falei assim: "Olha, queria ver se encontrava com um amigo meu, eu sei que ele mora em Aimorés. Em Nova Era, ele era maquinista." Ele falou: "Como é que é o nome dele?" Eu falei assim: "Albertino Bartolomeu Pereira." Aí ele se bateu, se bateu, mas dei tanta sorte que ele encontrou. Telefonou para um filho dele. Aí o filho dele atendeu, eu falei assim: "Qual é o telefone do seu pai?" Aí me deu o número do telefone do pai dele. Quando foi uma sexta-feira telefonei para ele. Aí eu ouvi a menininha chamando ele: "Papai, o telefone está chamando." Demorou um pouco, aí depois ele veio me atender. Ah, mas me xingou. "Nego filho da puta." Mas era divertido. No nosso tempo aí era divertido.

Naquele tempo ninguém brigava. Ninguém discutia. Se eu tivesse dinheiro, eles sabiam aonde é que a gente guardava o dinheiro. Mas se você, vamos supor, se você precisava, você podia chegar aqui e apanhar. "Olha, precisei de um dinheiro aí e apanhei." Está tudo certo. Não tinha briga, não tinha discussão, não tinha nada. Era bom aquele tempo. Não sei hoje como é que está a Vale. Mas no meu tempo era gostoso. A gente sente falta. Nós trabalhamos muito. Trabalhava muito mesmo, mas era divertido.

CASOS DE TRABALHO

Carne de veado

A gente estava trabalhando na boca do túnel ali de Fundão, e um colega nosso tinha matado um veado. Cozinhou, fez uma panelada de veado. E levou uma panela cheia de carne. Era uma turma de moleque, mas era bom à beça. Aí quando ele saiu para beber água, que tinha que subir o morro porque em baixo assim tinha um poço. Mas quem estava lá, quem estava para cá, eles não dava para ver a gente. Então esse meu amigo Albertino foi lá e apanhou a panela dele, comemos a carne todinha. Quando chegou na hora do almoço, quando ele foi ver a marmitta, só tinha arroz, feijão e farinha. Acabou com o almoço dele. Mas ninguém brigava não. Também quando eles pegava também a marmitta da gente, hum, você tinha que comer sem carne. Só roubava a carne. Mas era bom.